

Relações interpessoais entre motricista esportivo e atletas no futebol profissional

Claudinei Chelles

*Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do Estado de São Paulo
Inspetoria Regional de Rio Claro SP*

Resumo: Analisar o futebol exige compreender as faces do comportamento humano diante das situações vividas no contexto. No treinamento, a preparação psicológica deve acontecer naturalmente tal e qual o trabalho da preparação física, técnica e tática. Este estudo teve como objetivo analisar o relacionamento entre preparador físico, denominado motricista esportivo (n=5) e atletas (n=15) e, sugerir uma proposta de intervenção pedagógica, tanto na competição como no treinamento. Foram utilizadas na metodologia a etnografia e depoimentos em resposta a questionário e entrevista. Os dados coletados foram grupados em categorias na tentativa de se verificar o sentido ou significado da vivência para os participantes. Conclui-se que as intervenções do motricista esportivo são amplamente variadas. Portanto, atuar apenas no desenvolvimento do aspecto físico é um fator limitante, sendo possível ser mais abrangente. A Psicologia do Esporte deve ser utilizada, tanto no rendimento esportivo, como no bem-estar dos envolvidos.

Palavras-chave: Futebol. Psicologia do Esporte. Treinamento. Motricidade Humana.

Relationships interpersonal among professional of human motricity and athletes in soccer

Abstract: To analyze the soccer demands to understand the human behavior due to the situations lived in the context. In the training, the psychological preparation should happen naturally such and which the physical preparation, technique and tactics. This study had as objective to analyzes the relationships among physical coach, denominated professional of human motricity (n=5) and athletes (n=15), to suggest a proposal of pedagogic intervention. It was used in the methodology the ethnography and depositions as questionnaire and interview. The data were grouped in categories in the attempt of verifying the sense or meaning of existence for the participants. It is ended that the interventions of professional of human motricity are varied broadly. Therefore, to act just in the development of the physical aspect is a factor bordering, being possible to act thoroughly. The Psychology of Sport should be used, so much in the sporting income, as in the well-being of those involved.

Key Words: Soccer. Psychology of Sport. Training. Human Motricity.

Introdução

A preparação psicológica deveria acontecer naturalmente, como parte do processo de treinamento tal e qual o trabalho de preparação física, técnica e tática. Fato que nem sempre acontece devido à estrutura das equipes, falta de informação e até mesmo vontade dos envolvidos (BARA FILHO; MIRANDA, 1998).

Para que os atletas tenham um rendimento o mais elevado possível, o treinador e os seus colaboradores devem procurar recolher o maior número possível de dados que lhes possibilitem organizar um trabalho racional, de acordo com as condições humanas e materiais existentes e, simultaneamente, definir objetivos precisos e realistas (GARGANTA, 1990).

A referida pesquisa consistiu num estudo exploratório a respeito da prática da interferência pedagógica utilizando-se da Psicologia do Esporte, na visão da etnografia em equipes de futebol, através de depoimentos de atletas e preparadores físicos, aqui denominados motricistas esportistas, que se diferenciam pela atuação não apenas técnica, mas também humanista segundo perspectivas de Medina (1993).

Deste modo optamos por esta estratégia metodológica que possibilitou a livre expressão dos participantes para captar informações sobre o objeto de estudo, porém sua interpretação dependeu dos envolvimentos e análises sobre a participação do ser humano no futebol, pois há necessidade de analisar o cotidiano para estabelecer relações entre as

vivências, elaborando um conjunto de conceitos, que permita explicá-lo.

Foi realizada uma adaptação dos termos utilizados por diversos autores, bem como da autoria do estudo, não apenas para o preparador físico, mas também, sempre que houver compatibilidade com a função exercida, por treinador, técnico, outros... para o termo *Motricista Esportivo*¹.

Este estudo teve como objetivos: (1) identificar as formas de relacionamento do motricista esportivo e atletas de futebol no esporte de rendimento máximo; (2) verificar a existência de ambiente favorável e estimulante visando melhoria do aspecto físico e (3) analisar as possibilidades de interferências do motricista esportivo junto aos estados emocionais dos atletas, tais como: motivação, ansiedade, agressividade, estresse, entre outros.

Considerações sobre o treinamento esportivo

A fase da constituição acadêmica das Ciências do Esporte se alarga apenas no final dos anos sessenta a um plano internacional mais vasto, acentua-se nos anos setenta, adquirindo então características e particularidades marcantes da sua fisionomia atual. A imagem do mundo cientificamente formada desempenha um papel principal na existência humana. Por isso, também o Esporte, como forma de ocupação especificamente humana, é incluído nesta onda de “cientificismo” (MEINBERG, 1991).

A conotação pertinente às Ciências do Esporte direciona ao conhecimento dos aspectos que podem ajudar as pessoas desempenharem suas tarefas em condições melhores ou pelo menos não afetadas por imposições como lesões, desnutrição, ou barreiras psicológicas. Claro, que nenhuma das sub-disciplinas, tanto a Psicologia do Esporte como a Fisiologia do Exercício e a Biomecânica, pode ser estudada ou aplicada sem levar em consideração suas integrações, já que a necessidade de uma abordagem integradora tornou-se extremamente reconhecida (SANDERS; SANDERS, 2001).

Assim, vamos ao encontro da Psicologia do Esporte, reconhecida como sub-disciplina dentro das Ciências do Esporte. Porém, seu desenvolvimento tem ocorrido lentamente, devido alguns fatores, como, por exemplo, as diferenças existentes entre os estudos de laboratório e os

estudos que ocorrem na prática; formação de teorias na Psicologia do Esporte baseadas em teorias e paradigmas de outras áreas, ou seja, não há um corpo de teoria própria, e as metodologias não são apropriadas para o objeto de estudo (FELTZ, 1987).

Cada fase do treinamento tem seus requisitos psicológicos diferentes. Assim, para se conseguir resultados ótimos seria ideal que as atitudes psicológicas se trabalhassem conjuntamente com as físicas em cada fase da periodização (BALAGUE, 2001; WEINECK, 1999).

No futebol ocorrem freqüentes exigências de tarefas complexas e os atletas dependem, uns dos outros, para o sucesso de suas metas. Sendo assim, o treinamento nas situações a serem desempenhadas deve ser realizado criteriosamente. A Ciência no treinamento tem contribuído extensivamente para o entendimento de alguns aspectos. Deve-se reconhecer que a efetiva implementação de um programa depende da qualidade da interação entre o *motricista esportivo* e os atletas (BORRIE, 1996).

Porém, complementando a posição dos autores mencionados acima, nota-se que todos os envolvidos no esporte competitivo consideram importante o treinamento psicológico, mas pouco se faz especificamente para lidar com o controle de fatores psico-emocionais como medo, ansiedade e estresse, além da tentativa de melhorar a concentração, relaxamento, autoconfiança e motivação (BARA FILHO; MIRANDA, 1998).

Em situações de rendimento máximo, além de dotes naturais, exigem-se do atleta alta motivação, sacrifício e muita força de vontade. Por esta razão, dentre outras, surge a figura do *motricista esportivo* como um profissional que atua na formação do atleta.

Motricista esportivo: suas atribuições e liderança

Para melhor entender as dimensões psicológicas das atividades esportivas, é essencial que se estude um ator de importância fundamental no cenário – o *motricista esportivo*. Seu retrato tem sido pintado das maneiras mais variadas: dogmático, severo e capaz de levar essas mesmas qualidades aos atletas que estão sob seu comando. Outras vezes surgem como paradigma de virtudes morais, pronto a proteger o jovem de seus erros e a prepará-lo através do Esporte para uma vida digna, desenvolvendo seu caráter (CRATTY, 1984).

Muitas vezes, uma situação problemática apresenta-se como um caso único. E porque o caso único transcende as categorias da teoria e da técnica existentes, o *motricista*

Motriz, Rio Claro, v.12, n.2, p.165-174, mai./ago. 2006

¹ O termo *motricista esportivo* não é difundido no campo de atuação. O profissional é conhecido como preparador físico. Daí a utilização do termo preparador físico nas entrevistas e questionários, tanto nas perguntas como nas respostas dos envolvidos. Porém, ao ser tratado na elaboração deste texto menciono-o como *motricista esportivo*, já que se trata de uma discussão direcionada para elaboração de uma fundamentação teórica que sugere o antidualismo e a Psicologia do Esporte, dentre outras, para a prática desse profissional membro da comissão técnica no futebol.

esportivo não pode tratá-lo como um problema instrumental a ser resolvido pela aplicação de uma das regras de seu estoque de conhecimento profissional. O caso não está no manual. Se ele quiser tratá-lo de forma competente, deve fazê-lo através de um tipo de improvisação, inventando e testando estratégias situacionais que ele próprio produz (SCHÖN, 2000).

A liderança aparece como uma capacidade que adquire extrema importância para os profissionais que orientam grupos sociais no sentido de conseguir o máximo de dedicação e aplicação em busca de uma meta, procurando atender as necessidades de cada membro. O fato de se criar um bom nível de integração e comunicação dentro de um grupo social, para que este possa realizar suas potencialidades torna-se bastante claro. A partir da maior organização e estabilidade do grupo, com a definição de suas metas e estratégias, a intervenção do líder apresenta-se como um fator essencial para o alcance de resultados favoráveis para o grupo (SAMULSKI, 1992).

Conforme Ingham (1974), sua ação de líder irá repercutir, assim que se perceba eficácia da sua gestão, relacionando-se com a realização das tarefas cumpridas pelo grupo, inerente às relações entre os membros e no que concerne aos sentimentos que gera nos subordinados.

Portanto, o *motricista esportivo* deve entender o desenvolvimento do atleta não exclusivamente sob os aspectos físico-técnico-tático, mas também deve preocupar-se com o desenvolvimento intelectual, motivacional, emocional e social do atleta. Por isso ele deve integrar e aplicar medidas pedagógicas, psicológicas e sociais no treinamento (SAMULSKI, 1992).

Influência dos estados emocionais

A emoção trata-se de um estado de excitação do organismo representado de três formas: pelo sentimento, pelo comportamento e pelas alterações fisiológicas corporais devido à importância, necessidades e interesses dados a determinadas situações da vida (KRECH; CRUTCHFIELD, 1980).

A importância em analisar os estados emocionais, como motivação, agressividade, ansiedade e estresse também foram levados em consideração neste estudo, por acreditar que esses itens, na condição de rendimento máximo, estão em constante conexão, em maior ou menor intensidade.

Evidências experimentais indicam que a ansiedade é uma ocorrência comum na competição com efeitos positivos e negativos no esporte de rendimento. Para examinar tal

ocorrência no esporte, com maior exatidão, é importante definir a terminologia em um caminho sistemático para entender as diferenças entre ansiedade e sua relação com estresse, agressividade, motivação e outros (MARTENS; VEALLEY; BURTON, 1990).

Dessa forma, o impacto que tem os estados emocionais sobre o rendimento na competição e no treinamento garante que grande parte dos fracassos nas competições se explique por problemas devido ao equivocado jeito ao lidar com a ansiedade entre outros enunciados como “medo do êxito” (UCHA, et al., 2001).

É importante uma abordagem conceitual integradora e compreensiva que indique como o estresse, a ansiedade e a percepção de ameaça na competição interagem com a autoconfiança, a concentração, a motivação e outros processos psicológicos, para influenciarem não só diferentes estados e reações emocionais, mas também o comportamento e o rendimento humano (CRUZ, 1997).

Para Roffê (1999) o desequilíbrio nos estados emocionais é forte indicio de estresse psicológico, que atua em cadeia fechada com seu correspondente estresse fisiológico. No futebol, como nos outros esportes, ocorre desequilíbrio constante dos estados emocionais (são abundantes em uma partida os momentos de tensão e a relação com o público sempre é particular). Pois, necessita-se tenacidade, perseverança e determinação.

Portanto, é fundamental que o motricista esportivo, nas condições de treino e competição, tenha como parte de suas informações conceitos básicos sobre os estados emocionais, inerentes ao ser humano, compreendendo-os dentro de uma abordagem integrada.

Metodologia

Esse estudo foi pautado no levantamento das interferências pedagógicas, no aspecto psicológico, que o motricista esportivo exerceu sobre seus comandados. Desta maneira, buscou-se estar bem posicionado, em tempo e local, na intenção de detectar e analisar com propriedade e fidelidade os elementos ocorridos entre os autores do espetáculo esportivo.

Optou-se por algumas técnicas para coletar dados sobre aspectos do comportamento humano em situações de treinamento e competição. Para um levantamento mais aprimorado e detalhado foi adotada a pesquisa etnográfica. Dentre as técnicas utilizadas foram incluídas, o questionário,

a entrevista e a observação com o propósito de melhor elucidar e cruzar os questionamentos iniciais.

Os dados coletados foram grupados em categorias, usando-se de referências, conforme sugestão de Forghieri (2001), na tentativa de captar o sentido ou significado da vivência para o atleta em determinadas situações, por ele experienciada em sua existência cotidiana bem como o pesquisador voltando-se para a sua própria vivência a fim de refletir sobre tal.

Foram analisadas as relações interpessoais, em situações de treinamento e competição, de 05 (cinco) motricistas esportistas e 15 (quinze) atletas, escolhidos aleatoriamente dentro das respectivas equipes, pertencentes a 03 (três) equipes de futebol profissional, que disputaram o campeonato brasileiro da primeira divisão no ano de 2001. Buscou-se ampliar o leque de atuação em equipes diferentes para melhor representar as interferências aqui pretendidas.

Análise e discussão dos resultados

Na tentativa de não adotar leituras impróprias, buscou-se confirmar as informações de diferentes formas: uma através de questionário e outra, mais flexível, através de entrevista, que possibilitou notar o que se repetia e o que era discrepante. Desta maneira, para garantir respostas fidedignas e precisas, foi adotada a estratégia da observação *in loco* das ocorrências cotidianas, fechando em torno do núcleo da coerência interna, coerência externa, abrangência e elementos da categorização.

Os resultados do estudo foram analisados, discutidos e apresentados na seqüência: questionário com os atletas, entrevista com os atletas, questionário com os motricistas esportivos e entrevista com os motricistas esportivos, com as falas gravadas e transcritas posteriormente (as falas transcritas encontram-se entre aspas e formatos itálicos no texto, exatamente como foram ditas pelos participantes, *ipsis litteris*).

A diferença entre o questionário e a entrevista ocorreu da seguinte forma: pergunta com resposta, em seguida a próxima pergunta com resposta, independente das respostas dos participantes do estudo, até o final do questionário. Já na entrevista foi feito um roteiro de perguntas e dependendo da resposta dos atletas e dos motricistas esportivos foram feitas colocações com posterior comentário e réplica ou não dos participantes, até que tivéssemos informações pertinentes, e em seguida realizadas as próximas perguntas do roteiro.

A partir daí, foi apresentada a triagem dos dados que possibilitou a argumentação suficiente das ocorrências encontradas, pois a totalidade de informações não seria viável

para ser demonstrada nesse artigo tratando-se de uma dissertação. Esse tratamento foi dado para os membros das equipes 1, 2 e 3; a seguir:

Questionário com os atletas

Qual sua visão sobre a hierarquia no grupo? Quem lidera? Quem comanda? Por que você pensa assim?

Foi encontrada homogeneidade sobre a visão hierárquica no grupo. Os atletas da **equipe 01** acreditaram que foi de fundamental importância que houvesse hierarquia para que funcionassem bem as coisas no grupo. Porém, quando questionados quanto à liderança e comando, conseguimos respostas que apresentaram vários membros, nas suas respectivas funções, no grupo, que tinham esses encargos.

O comando vinha desde a direção do clube (passando pelo presidente, por diretores), continuando na comissão técnica (desde o coordenador técnico, o treinador, o motricista esportivo), chegando aos jogadores (o capitão, mais experiente, outros atletas). Todos se apresentaram com responsabilidade em suas respectivas funções e assim as coisas tiveram uma tendência a funcionar bem.

Para que os treinadores conseguissem a inclinação dos membros do grupo na busca das metas foi imprescindível que a liderança fosse exercida, procurando atender as necessidades de cada um. Por isso deveu-se criar um bom nível de integração e comunicação dentro da equipe, para descobrir as potencialidades dos envolvidos que foram utilizadas em benefício do plano traçado.

“... Importante e funciona bem. O treinador e o preparador físico. A gente como profissional que atua na competição, a gente tem que se espelhar nesses profissionais e procurar saber o que eles têm de bom para passar”

Houve opiniões divergentes quando se referia a uma pessoa específica na liderança, no ponto de vista dos atletas da **equipe 02**. Foram encontradas respostas mencionando o treinador, o motricista esportivo, a diretoria, o presidente. Mas, um perfil estabelecido foi que a hierarquia era fundamental para que as coisas funcionassem bem.

“... O treinador. Porque ele tem que liderar. Ele comanda. Tem uma responsabilidade muito grande, já que se não ganhar ele quem cai. Se o jogador está precisando de uma motivação maior, é ele que vai atrás...”

A hierarquia foi de fundamental importância, pois sem ela não haveria organização e conseqüentemente os objetivos não seriam alcançados, afirmam os atletas da **equipe 03**. Ficou evidente que o treinador foi o profissional que deveria liderar de fato, o que nem sempre acontecia e assim o sucesso ficaria difícil de ser alcançado. Porém, a atuação de todos os

Motriz, Rio Claro, v.12, n.2, p.165-174, mai./ago. 2006

participantes do grupo, nas suas respectivas funções, foi fundamental para que as coisas funcionassem bem. Ou seja, todos tiveram responsabilidades.

“... É importante numa equipe de futebol. É importante para um grupo que quer vencer. E quem comanda é o treinador...”

Na comissão técnica quem você acha que tem “status” e por quê?

Para o grupo de atletas da **equipe 01**, o treinador aparecia, nesta equipe, como o membro da comissão técnica que tinha mais *status*. Ficou muito claro que devido ao seu currículo como vencedor de campeonatos importantes, inclusive campeão mundial, foi merecido tal reconhecimento.

Segundo pesquisas de Cratty (1984) o treinador possui alto nível de tenacidade e é capaz de suportar a tensão causada pela mídia e torcedores. O autor diz ainda que o treinador, de seleção nacional, é geralmente maduro emocionalmente, independente, firme e realista na maneira de pensar, não muito propenso a mostrar suas ansiedades, pronto a esconder seus sentimentos.

“... O treinador, por suas conquistas... Copa do Mundo, etc...”

Na **equipe 02**, o treinador surgiu citado por esse grupo de atletas como o profissional que tinha mais *status* na comissão técnica. E, por algumas razões tais como: passagem por seleção brasileira, passagem por grandes equipes como treinador, devido à função exigir essa consideração, por natureza, porque certa vez a equipe obteve êxito e ele foi o responsável pela elaboração de sua estrutura.

Neste caso, o treinador trabalhava na equipe havia três anos, o que era considerado um bom tempo quando se tratava dessa modalidade. Interessante foi a apresentação do motricista esportivo como a figura que ocuparia a segunda posição de *status*, na comissão técnica, dentro de uma seqüência hierárquica, independente de quem eram esses membros. Evidentemente, que podendo ser alterado o segundo posto dessa hierarquia conforme o tempo de trabalho e a competência profissional, provando que de fato ele poderia ser merecedor dessa posição.

“... Como líder, além do treinador tem também o preparador físico, alertando-nos no treinamento e nos jogos, motivando-nos. O treinador tem que liderar, em qualquer equipe. Na maioria das equipes isso acontece...”

Na **equipe 03**, surgiram focos indicando que o motricista esportivo foi um membro da comissão técnica que tinha influência, ou poderia vir a ter, sobre o grupo. Pois, pareceram-nos que o treinador, membro da comissão técnica que tinha

poderes sobre a equipe, na verdade, compartilhou esse poder com o motricista esportivo, já que ele tinha aceitação na amostra de atletas analisada. O treinador foi citado, mas o motricista esportivo foi sempre lembrado quando houve necessidade da aproximação dos membros da comissão técnica com os atletas para a realização das tarefas. Pareceu-nos que ele tinha atividades além daquelas de ministrar trabalhos físicos, atuando nos aspectos sociais e interacionais.

“... Acho que o (nome do motricista esportivo) tem um respeito muito grande no grupo. Experiente, trabalhou com profissionais importantes. Ele se destaca como um elemento que quando a gente precisar pode contar com ele...”

Além destes dados, na possibilidade de cruzar informações e verificar se houve coerência interna e externa, nos dados coletados, foram realizadas entrevistas, para ter uma contraprova dos dados. A estratégia da utilização da entrevista garantiu essa intenção e o resultado segue abaixo.

Entrevista com os atletas

Como você se relaciona com a comissão técnica?

Os relacionamentos foram bons, e ficaram mais evidentes quando o atleta estava atuando como titular, na **equipe 01**. Quando o atleta estava na reserva, ele respondeu se esquivando; não se expôs tanto, já que seu discurso foi mais evasivo, não indo mais a fundo nas questões; apresentando respostas sem profundidade. Cada um apresentou suas características nos seus relacionamentos, mas ficou evidente que foi uma relação de respeito, mesmo que não estivesse atuando como titular.

“... Muito bem. Às vezes a gente espera que a comissão tenha uma atitude diferente com os atletas, mas o treinador me deixa motivado... eu estou lesionado agora, mas tenho apoio. Aqui é uma família, mas às vezes as coisas não fluem direito...”

O atleta se relacionava bem com os membros da comissão técnica na **equipe 02**. Porém, a figura do motricista esportivo foi mencionada com frequência pelos atletas, como um profissional que estava, além da preparação física, atuando no aspecto emocional, principalmente na motivação da execução das atividades no treinamento e nos jogos. A preocupação em relacionar-se bem com os membros da equipe e da comissão foi constante para um ambiente profissional satisfatório.

O técnico e o *motricista esportivo*, por estarem muito tempo com os atletas, os conhecem e suas palavras tendem a serem decisivas (ROFFÉ, 1999), norteadoras de ações, quando se está buscando finalização de debates.

“... Me sinto muito bem. As pessoas me ajudam. Principalmente, com o preparador físico, o (nome do motricista esportivo). Ele ajuda a gente na parte psicológica. Quando a gente está caído ele vai e levanta a gente...”

O relacionamento com a comissão técnica estava bom, garantiram os atletas da **equipe 03**. Quando os atletas citaram o motricista esportivo, houve percepção de um grande respeito pela pessoa e admiração profissional devido sua competência. Alguns já o conheciam de longa data, pois trabalharam em outro clube com ele. Dentro da comissão técnica ele foi citado, nessa questão, como uma referência.

Em alguns casos, o *motricista esportivo* tem demasiado poder (ROFFÉ, 1999), vindo a exercer sua influência em situações inusitadas, alterando o quadro de desempenho social do grupo.

“... Eu admiro muito a comissão técnica. E me sinto muito a vontade para conversar com o (nome do motricista esportivo), já que ele é uma pessoa que escuta todo mundo...”

Você acredita que o motricista esportivo pode e/ou deve utilizar-se da Psicologia do Esporte no trabalho?

Os atletas da **equipe 01** não gostavam de treinamentos, principalmente, que envolvessem o desenvolvimento do aspecto físico. Porém, existiam momentos no treinamento que necessitavam de recursos motivacionais para que os atletas pudessem usufruir dos benefícios e estivessem preparados para que o rendimento fosse satisfatório para as exigências da modalidade. Sendo assim, os atletas foram favoráveis à utilização da Psicologia do Esporte pelo motricista esportivo como ferramenta de trabalho nos treinamentos.

A Psicologia do Esporte explora o comportamento humano nas atividades esportivas. O treinador é de várias maneiras, um psicólogo prático. Existem inúmeros e excelentes exemplos de psicologia do treinamento, talvez desempenhados intuitivamente, sem o benefício da experiência formal (SINGER, 1982), o que nem sempre é bem visto pelos psicólogos esportivos com formação acadêmica, visto que o tratamento leigo de uma questão pode beirar ao populismo e/ou senso comum, que descaracteriza toda e qualquer profissão.

“... Acho que sim, porque é difícil de você ver um jogador que gosta de fazer o treinamento físico. O atleta faz porque é necessário, já que é essencial. Quanto à aceitação dos jogadores, alguns aceitam e outros não...”

Foi boa a aceitação dos atletas da **equipe 02** em relação ao motricista esportivo utilizando-se dessa área. Surgiram depoimentos mencionando que o motricista esportivo dessa

equipe foi o profissional que mais utilizava da Psicologia do Esporte com os atletas. Ele foi o membro da comissão técnica que tinha mais recursos e os usava, tanto nos treinamentos como nos jogos. Tratava-se de um profissional que foi elogiado pelos atletas, pois atuava no sentido de tratá-los levando em consideração esse fator, além do físico. Isso ocorreu devido ao acesso que ele tinha com os atletas no dia-a-dia, além de manter um diálogo muito próximo do entendimento dos atletas.

A preparação psicológica dos atletas deve ser cuidada com todo o rigor e para isso é necessário que o *motricista esportivo* envolvido no fenômeno esportivo tenha conhecimentos na área de Psicologia do Esporte (HORTA, 1990). Computamos como de grande valia o conhecimento por parte do profissional, nas demais áreas das Ciências do Esporte, que não apenas a técnica, tática e física.

“... Na equipe, na comissão, quem faz essa função é o (nome do motricista esportivo). Ele trabalha psicologicamente com a gente no dia-a-dia e, também no jogo. Principalmente, no jogo, antes de começar. Ele atua motivando muito. É até melhor que esse profissional atue nessa função, pois ele fala a nossa língua, está com a gente no dia-a-dia, nos treinamentos...”

A figura do motricista esportivo, utilizando-se da Psicologia do Esporte, assim como de outras áreas afins à sua função, foi bem aceita por parte dos atletas da **equipe 03**, houve confiança nesse profissional, como pôde ser observado em respostas anteriores. Porém, foi importante que ele, apesar de sua formação, tivesse competência para utilizar desse recurso. As novidades sempre foram vistas como empecilho, mas a aceitação da Psicologia do Esporte deveria ser gradativamente aplicada.

Quando um atleta apresenta dificuldades para recuperar sua condição física, é possível observar transtornos emocionais ou atuações distantes do rendimento normal dele. Por outro lado, a boa forma física também é considerada pelos jogadores como fator de ajuste psicológico (BRANDÃO, 1996).

“... o preparador físico sente mais o atleta...”

Questionário com os motricistas esportivos

Você se sente importante para o grupo? Por quê?

Os profissionais sentiam-se importantes para suas equipes, já que além de darem suporte na elaboração da metodologia de treinamento, no aspecto físico, também atuaram efetivamente nos relacionamentos envolvendo os outros membros da equipe como atletas, diretores, treinador, bem como na motivação e auto-estima dos atletas em situação de treinamento e competição.

Motriz, Rio Claro, v.12, n.2, p.165-174, mai./ago. 2006

Esses profissionais foram utilizados nas observações técnicas e táticas de equipes adversárias, dando referências para o treinador da equipe. A atuação na recuperação e condicionamento físico de atletas lesionados foi constante, em conjunto com outros membros da área médica, fazendo um trabalho interdisciplinar.

Obviamente, sendo mantidas constantes todas as variáveis aquele melhor predisposto mentalmente para a competição deverá ser o vencedor. O que deve ser igualmente óbvio é que sem as habilidades necessárias desenvolvidas, a influência da atitude mental na atuação é limitada (SINGER, 1982).

“... Sim, já que faço um trabalho para dar suporte nos relacionamentos do grupo...”.

“... Me sinto importante devido a minha função, já que vamos dar ao atleta um nível de performance para suportar o solicitado...”.

“... Desde a época em que eu era jogador eu sempre tive uma posição de liderança. Depois como preparador físico eu sempre procurei, através da minha energia transmitir mensagens de motivação e de ânimo...”.

Como você se relaciona com os outros membros da comissão técnica?

Quando o assunto foi relacionamento humano, entre a comissão técnica, as respostas nos pareceram formais e óbvias, para aquilo que se viveu; responderam eles: as relações se deram com muito respeito. Algumas vezes, os membros da comissão técnica não se conheciam e ao iniciar uma temporada esses profissionais ficaram numa expectativa quanto ao entrosamento. Houve também casos em que as comissões técnicas já foram montadas para uma equipe, devido ao entrosamento que ocorreu em outras equipes.

O treinador tem sido citado como líder com características especiais pelo caráter multifacetado da sua atividade. Na verdade, para além da função de orientador técnico em treinamento e competição, de especialista no esporte que atua, ele é também gestor de recursos humanos (constituídos pelos seus atletas e auxiliares), gestor de recursos financeiros, desenvolve relações públicas, elabora planejamentos, organiza atividades diversas (esportivas, sociais), bem como, os sistemas de trabalho em que se insere a sua atividade (departamentos esportivos), faz recrutamento de atletas e auxiliares (membros da comissão técnica) (CHELLADURAI, 1984).

Os *motricistas esportivos* são essenciais para qualquer treinador. No profissionalismo, a maioria dos treinadores leva para os clubes seu *motricista esportivo*, seu homem de

confiança, seu colaborador (ROFFÉ, 1999). Verificamos que, inclusive, a troca de equipes acarretou êxodo e saíram todos os integrantes da comissão técnica que migraram para outra equipe comum, como um clã em deslocamento, fato que ocorria com frequência. Detalhes sobre os relacionamentos se deram conforme as respostas:

“... Muito bem. Num primeiro momento eu estava na expectativa. Hoje já há um entrosamento muito bom, os membros se conhecem...”.

“... Sempre foi muito bom. Eu analiso bem as pessoas, para saber como as tratarei. Eu nunca tive problema, procuro ajudar todos da comissão técnica, procurando motivar os outros...”.

Em função da metodologia buscou-se coletar mais dados, tanto quanto com os atletas, os motricistas também foram expostos a uma entrevista, e suas respostas foram categorizadas e comparadas, para permitir uma discussão mais crítica e aceitável.

Entrevista com os motricistas esportivos

O que você pensa a respeito da Ciência no Futebol?

Os entrevistados acreditavam que a ciência no futebol foi muito importante, mas acabou não sendo tão utilizada, já que existia neste meio um comando sem formação adequada para utilizá-la. Sendo assim, as atitudes no futebol acabaram não tendo a evolução que poderiam ter. Tanto fora quanto dentro de campo as condições ficaram limitadas. A estrutura, o planejamento e a organização dos clubes ainda eram muito arcaicos. Isso gerou um ambiente amadorístico apesar do discurso do profissionalismo.

Uma situação comum foi o fato de algumas ilhas de excelência que conseguiram bons resultados, tanto quanto outras equipes, limitadas e sem recursos técnico-científicos. Uma rendeu em função da ciência e outra em função do “*feeling*” do treinador ou motricista esportivo, que fora ex-atleta, o que levou aos questionamentos acirrados sobre as Ciências no Esporte e o Futebol.

Não há qualidade sem profissionais bem formados na comissão técnica. Mas, é também evidente que a formação destes está igualmente dependente do desenvolvimento mais adequado das metodologias do treino e do acompanhamento aos atletas. Recordemos aqui que muitos dos resultados dos estudos que apoiaram a formação dos profissionais da comissão técnica e a sua prática nem sempre foram os mais adequados e alguns erros causados pela investigação foram determinantes para o insucesso.

Assim, é necessário refletir e repensar alguns aspectos por onde passa a qualidade no treino, que não pode traduzir-se apenas na expressão dos resultados apresentados pelo *motricista esportivo* (MARQUES, 2000).

“... O futebol, especialmente no Brasil, ainda tem uma vida muito primitiva, em termos de estrutura, planejamento e organização. O que se observa, portanto, é uma estrutura carente, amadorística, tanto de condutas quanto de comando, sem um planejamento adequado, profissional e moderno...”

“... Em decorrência disso tudo a organização e comando são feitos por pessoas práticas que vivem no meio sem, no entanto estarem aparelhados e preparados para a modernização de uma estrutura medieval de comando...”

Você acredita que o motricista esportivo pode e/ou deve utilizar a Psicologia do Esporte no trabalho?

Encontramos aqui algumas posições diferenciadas e outras comuns. Foi apresentada uma posição que o motricista esportivo não tinha condições de realizar a tarefa do preparo psicológico, já que sua formação, em nível de graduação, apesar de abordagens psicológicas, não apresentava subsídios para tal competência. Tal possibilidade seria real se houvesse uma formação em nível de pós-graduação. Outro motricista esportivo, aqui entrevistado, também acreditou não ser da sua competência, pois cada um deve se manter em seu setor.

O *motricista esportivo* apresenta, em sua formação, conhecimentos distintos, com maior rigor científico e um perfil profissional mais aberto, mais adaptável, quando comparado com o treinador. Se o treinador vem a ocupar seu lugar com condutas ásperas e antipáticas, muitas vezes o *motricista esportivo* ocupa um lugar de proteção e confiança na relação com os atletas e o *motricista esportivo* que não utiliza a “psicologia” tem muita dificuldade para ser eficaz (ROFFÉ, 1999).

Mas, encontramos opiniões que estar atuando com esses conhecimentos seria fundamental, pois foi necessário considerar o binômio homem-atleta e a metodologia de treinamento deveria levar em consideração não apenas o aspecto biológico. O atleta não deveria apenas cumprir. Ele teria que cumprir, entender, participar e interagir diante dos fatos. Isso aconteceu com conhecimento e aplicação da Psicologia do Esporte. Seguem suas respostas, para melhor compreensão da posição dos indagados:

“... Acho fundamental, eu não conseguiria trabalhar apenas utilizando na minha metodologia com referências biológicas...”

“... Ele pode ter noções básicas, assim como tem noções de primeiros socorros, na área médica, ou

fisiologia, como também na área da psicologia. Mas, eu acredito que cada profissional deve se conter no seu setor. E deve se aprofundar mais na sua área. Ser um polivalente acaba não fazendo nada ...”

“... A gente já usa desse campo. Acredito que possa crescer ainda mais. Aprimorando-me, já que o lado psicológico é muito importante...”

Conclusões

Realizada a coleta e análise do material obtido através das entrevistas e questionários aplicados aos atletas e motricistas esportivos, percebeu-se, de fato, no futebol profissional brasileiro, pelo menos nos casos em que atuamos, a visualização fragmentada sobre o Homem presente nos conceitos dos envolvidos no estudo.

Considerando-se a ascendência do motricista esportivo como alguém que se apresentou com liderança e informações importantes, foi possível a aceitação, por parte do grupo de atletas, sobre a proposta da visualização do ser holístico e a partir daí reflexão do que estes representaram para o meio que atuavam.

Observou-se que o estímulo às reflexões sobre os conflitos no processo de treinamento e competição, foi um procedimento que auxiliou na clareza da tomada de decisões, sendo fundamental para os profissionais envolvidos pertencentes à comissão técnica, assim como aos atletas.

O motricista esportivo, em suas atribuições adquiriu liderança, entre outras, pois considerou que a liberdade de escolher foi maior quanto mais ampla a abertura do ser humano à percepção e compreensão de sua vivência no mundo.

Indicando uma proposta de intervenção pedagógica, com embasamento na Psicologia do Esporte e na Metodologia do Treinamento do Futebol de rendimento, é importante considerar que o planejamento de metas foi essencial para o atleta e equipe. Pois, tratou-se do que dirigiu as ações. As metas se entrelaçaram intimamente com a motivação.

Em relação à verificação de ambiente favorável e estimulante visando melhoria do aspecto físico, já que se confirmou através do estudo baixa motivação dos atletas em relação com o aspecto mencionado, notou-se que foi vital na execução das atividades possibilitando-lhes que as realizassem de modo espontâneo, considerando-se que o treinamento foi castrador de iniciativas em diversos momentos.

Analisando as possibilidades de interferências junto aos estados emocionais, percebeu-se que a habilidade de

raciocínio estava relacionada à posse de conhecimentos. Ou seja, as idéias, percepções e conceitos foram derivados da experiência. Assim, foi imprescindível utilizar-se das percepções do motricista esportivo na tentativa de solucionar os problemas e ocorrências no cotidiano no treinamento e na competição, aumentando os conhecimentos para novas atuações.

Assim, explorar as percepções durante o trabalho e a elaboração do planejamento significou estar atento às “observações” e ocorrências que viessem a surgir durante todo esse percurso. Pois, mesmo sendo considerada como um meio arcaico para a assimilação de conhecimentos e apesar do grau de subjetividade, a observação é um caminho favorável para elaboração de estratégias pertinentes às relações com o ser humano e suas atitudes.

Na conclusão deste estudo constataram-se algumas possibilidades de atuação do motricista esportivo. Suas intervenções são amplamente variadas dentro das situações de treinamento e competição no futebol profissional. Assim, fica evidente que seja possível ser mais amplo, mais abrangente. Mesmo mencionando preocupações com o componente psicológico em seus depoimentos, o que na prática nem sempre acontecia.

Ao término deste estudo pôde-se afirmar que o motricista esportivo, em suas atribuições, tem capacidade para realizar seu trabalho de forma mais participativa, dentro da comissão técnica e evidentemente sem invadir outras profissões ou desrespeitar os respectivos profissionais, com a utilização da Psicologia do Esporte, dentre outras, como ferramenta fundamental, tanto no rendimento esportivo, como no bem-estar de seus atletas. Cabendo a este profissional o trabalho adequado das interações e das habilidades sociais.

Finalizando, o motricista esportivo deve rever constantemente sua prática profissional, incluindo a necessidade de estar sempre analisando suas influências sobre os atletas. Além disso, considerar que tais interferências sejam fundamentadas verificando o contexto, suas experiências profissional e pessoal, concomitantemente com o conhecimento pedagógico diante de uma indicação multi, inter e transdisciplinar.

Referências

BALAGUE, G. La periodización del entrenamiento psicológico. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 8.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 1., 2001. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Escola de Educação Motriz, Rio Claro, v.12, n.2, p.165-174, mai./ago. 2006

Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2001. p.29-35.

BARA FILHO, M. G.; MIRANDA, R. Aspectos psicológicos do esporte competitivo. **Treinamento Desportivo**, Curitiba, v.3, n.3, p.62-72, 1998.

BORRIE, A. Coaching science. In: REILLY, T. **Science and soccer**. London: E & FN Spon, 1996. p.243-258.

BRANDÃO, M. R. F. **Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano**. 1996. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

CHELLADURAI, A. **Sport: learning**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

CRATTY, B. J. **Psicologia no esporte**. Tradução de Olivia Lustosa Bergier. 2. ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

CRUZ, J. F. A. Stress, ansiedade e competências psicológicas em atletas de elite e de alta competição: relação com o sucesso desportivo. In: CRUZ, J. F. A.; GOMES, A. R. (Org.). **I Encontro internacional de psicologia aplicada ao desporto e à atividade física: teoria, investigação e intervenção**. Braga: Universidade do Minho, 1997. p.111-140.

FELTZ, D. L. Advancing knowledge in sport psychology: strategies for expanding our conceptual frameworks. **Quest**, Champaign, v.39, n.3, p.243-254, 1987.

FORGHIERI, Y. **Psicologia fenomenológica**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

GARGANTA, J. Planeamento e periodização do treino no futebol. **Rev. Horizonte**, Lisboa, n.42, p.196-200, 1990.

HORTA, L. Meios e métodos de recuperação na atividade esportiva. **Treino desportivo**, Lisboa, v.17, p.33-43, 1990.

INGHAM, A.G. The Ringelmann effect: studies of group size and group perform. **J. Exp. Soc. Psychol.**, San Diego, v.10, n.4, p.371-384, 1974.

KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. S. **Elementos da psicologia**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1980.

MARQUES, A. Sobre as questões da qualidade do treino dos mais jovens. In: SILVA, F. M. (Org.) **Treinamento desportivo – produção do conhecimento: pluralidade e diversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2000. p.51-59.

MARTENS, R.; VEALEY, R. S.; BURTON, D. **Competitive anxiety in sport**. Champaign: Human Kinetics, 1990.

MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1993. p.141-158.

MEINBERG, E. Ciências do desporto: balanço e perspectivas. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2. 1991, Porto. **Actas... A ciência do desporto e prática desportiva**. Porto: Editore Jorge Bento e António Marques, v.1, 1991. p.41-51.

ROFFÉ, M. **Psicología del jugador de fútbol**: con la cabeza hecha pelota. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1999.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**: teoria e aplicação prática. Belo Horizonte: Imprensa Universitária da UFMG, Universidade Faculdade de Minas Gerais, 1992.

SANDERS, R; SANDERS, L. Improving dissemination and application of sport science to physical educators. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHYSICAL EDUCATION AND HUMAN MOVEMENT, 2.; SÃO PAULO STATE SYMPOSIUM OF PHYSICAL EDUCATION, 8., 2001, Rio Claro. **Motriz: Rev. Ed. Fis.**, Rio Claro, v.7, n.1, supl., p.S1-S5, 2001.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SINGER, R. N. **Psicologia dos esportes**: mitos e verdades. 2. ed. Tradução de Marina T.B. Porto Vieira. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1982.

UCHA, F. G. et al. Ansiedad y indicadores y rendimiento en deportistas. **Revista Digital Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 6, n. 33, abr., 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 10 jan. 2002.

WEINECK, J. **Treinamento ideal**. 9. ed. Tradução de Beatriz Maria Romano Carvalho. Revisão científica de Valdir J. Barbanti. São Paulo: Manole, 1999.

Agradecimentos: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado, pela orientação e aos motricistas esportivos, atletas e clubes que participaram da realização do estudo.

Artigo derivado da Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade, na área de concentração: Pedagogia da Motricidade Humana. Unesp – Campus de Rio Claro SP.

Endereço:
Avenida 48-A particular, 137 - Vila Nova
Rio Claro SP
13506-595
tel. (19) 9144.3606
e.mail: claudineichelles@yahoo.com.br

*Manuscrito recebido em 27 de outubro de 2004.
Manuscrito aceito em 15 de dezembro de 2006.*